

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Janeiro 2021

GUIA DE LEITURA

Terra de Neve – Yasunari Kawabata



YASUNARI KAWABATA

Biografia: Romancista japonês, Yasunari Kawabata nasceu a 11 de junho de 1899 na cidade de Osaka. Filho de um médico de grande cultura, conheceu a fatalidade da morte muito cedo, ao ficar órfão de ambos os progenitores aos três anos de idade, e ao perder a avó aos sete. Foi, portanto, criado pelo avô

materno. Após ter concluído os seus estudos secundários em 1920, Kawabata ingressou no curso de Literatura da Universidade Imperial de Tóquio, de onde obteve o seu diploma em 1924. Juntou-se então a uma tertúlia, e ajudou a fundar o *Bungei Jidai*, publicação que proclamava o Neo-Sensualismo e se mostrava receptiva à literatura europeia de vanguarda. Kawabata publicou o seu primeiro livro em 1925, *Jurokusai No Nikki* e, no ano seguinte, arrebatou o sucesso com o aparecimento de *Izu No Odoriko* (1926, *O Bailarino de Izu*), uma novela de cariz autobiográfico que relatava o enamoramento entre dois jovens. Casou em 1931 e mudou-se para Kamakura, a antiga capital samurai, que abandonou com a deflagração da Segunda Guerra Mundial. De convicções neutras, refugiou-se na Manchúria, regressando ao seu país depois da rendição japonesa. Recorrendo a técnicas surrealistas que procuravam combinar a estética tradicional nipónica com a narrativa psicológica em tons de erotismo, publicou *Yukiguni* (1948, *O País da Neve*), romance que descrevia o relacionamento entre o escritor de um livro sobre a dança e uma geisha já madura. Entre 1949 e 1954 surgiu *Yama No Oto* (*A Voz da Montanha*), obra que contava a história de Shingo, um homem preocupado com as crises conjugais dos seus dois filhos, e que procurava fazer ressaltar o carácter emocional do povo japonês. Na década de 60 tornou-se ativista político, defendendo candidaturas conservadoras e assinando, juntamente com Yukio Mishima, um manifesto de protesto contra a Revolução Cultural chinesa. Galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 1968, Yasunari Kawabata suicidou-se pela inalação de gás a 16 de abril de 1972.

Sinopse de *Terra de Neve*:



Shimamura viaja de comboio para um balneário das regiões montanhosas do norte do Japão. Fica cativado por uma voz feminina que ressoa no comboio. A mulher, Yoko, acompanha um homem, Yukio, filho de uma professora de música que vive na vila para onde se dirige Shimamura. Este tem a intenção de se reencontrar ali com uma geisha, Komako, que conheceu numa viagem anterior, quando ela ainda não se dedicava profissionalmente a esses mesteres. Está embelezado com a delicadeza dela, mas resolve ficar unicamente pela amizade, contemplando a possibilidade de futuras visitas. O sugestivo decorrer das estações influirá nestas relações humanas. *Terra de Neve* é a história de um amor de perdição passado no meio da desolada beleza da costa oeste do Japão, uma das regiões mais nevadas do mundo. É aí, numas termas isoladas de montanha, que o sofisticado Shimamura conhece a geisha Komako, que se entrega a ele sem remorsos, sabendo de antemão que a sua paixão não pode perdurar.

11 de setembro de 2012

Yasunari Kawabata, Terra de Neve

Publicada por [Jorge Carreira Maia](#)



Ler um romance implica sempre um transportar-se para o universo romanesco. Não é o mundo, o meu mundo, quotidiano que procuro e encontro, mas um outro desenhado pela narrativa. Ler romances implica, desde logo, uma capacidade de transporte e um exercício de estranhamento. O leitor é um forasteiro que quer compreender as regras de conduta, as normas morais, o sentido do fluxo do trânsito. Se leio um romance português, europeu, americano, encontro, por estranho que possa ser o território colonizado pelo narrador e suas personagens, inúmeras indicações que me são familiares e, passadas algumas páginas, começo a sentir que estou em casa ou numa aldeia vizinha.

Ler *Terra de Neve*, de Yasunari Kawabata, implica mais do que uma capacidade de transporte e um exercício de estranhamento. O Japão e a sua cultura são radicalmente estranhos. São mais estranhos ainda porque vivemos num tempo onde se tem a falaz ilusão de que tudo está próximo e nada nos é desconhecido. Toda a gente já ouviu falar de geishas, mas saberá efectivamente o que é uma geisha? Saberá distinguir entre uma geisha que vive numa grande cidade como Kyoto ou Tóquio de uma que vive no mundo rural onde se localizam as termas (território desta narrativa)? A questão que se coloca ao leitor ocidental é interessante.

Numa [recensão encontrada na Internet](#), escreve-se: “*Por outras palavras, as cenas desdobram-se espontaneamente e nem tudo é explicado. Tem que se pensar. Se alguém acha que pensar é árduo, então também precisa de paciência*”. Diria, porém, que para ler a obra de Kawabata não é apenas necessário cumprir a prescrição de Coleridge, a de suspender a descrença, aplicável a toda a literatura. É preciso fazer o contrário do que é

proposto pela recensão citada. Não é uma questão de paciência e muito menos de pensar. O essencial será suspender mesmo o pensamento e mergulhar naquele território de luz e sombras, não para desfazer analiticamente o mistério, mas para participar nele, contemplando-o.

O romance é solidário com a cultura japonesa e com os seus fundamentos espirituais, tão adversos ao raciocínio, que se concretizam no Budismo Zen ou na arte do haikai. A estranheza está aqui: produzir uma obra narrativa sob a influência de uma cultura de suspensão ou minimização do discurso. A história gira em torno de três personagens, o rico e diletante Shimamura (estava a escrever um livro sobre o bailado ocidental sem nunca ter visto um), um cidadão de Tóquio, casado, Komako, uma jovem geisha rural, – as duas personagens centrais – e uma segunda jovem, Yoko, provavelmente destinada à profissão de geisha. Os homens casados, segundo o costume, frequentam as termas sem a companhia das respectivas mulheres e é nessa situação que Shimamura conheceu e se sentiu atraído por Komako. O romance começa na viagem de comboio de Shimamura, quando volta às termas para se encontrar com Komako. Nessa viagem, nota a presença de uma bela jovem, Yoko, que acompanha um doente, e que sai na mesma estação.

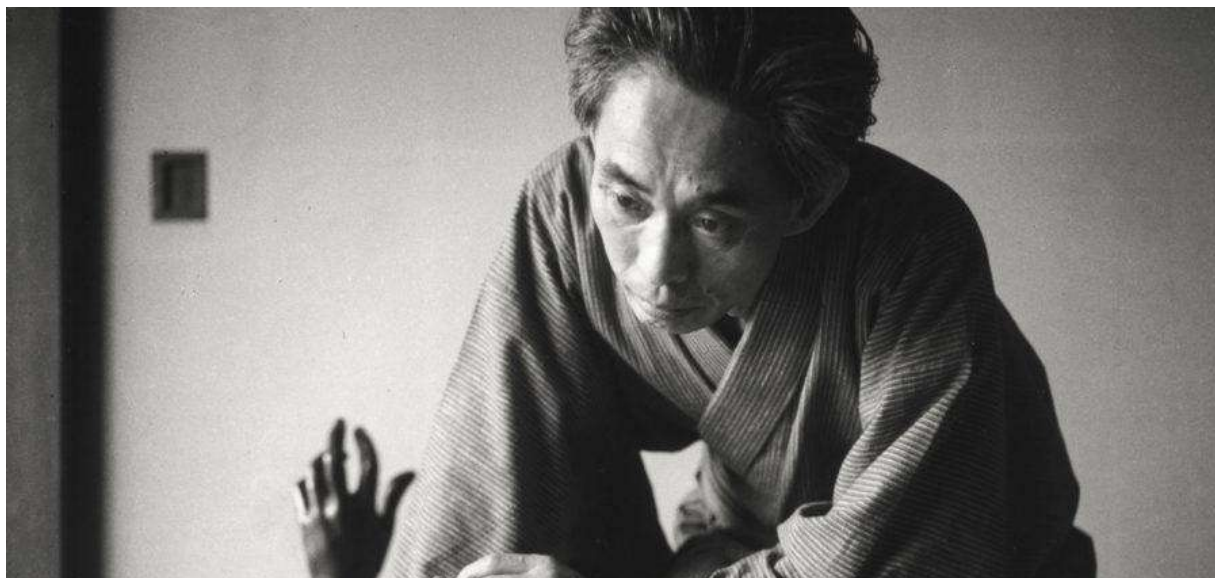
Kawabata não faz da paisagem, da terra de neve com as suas mutações, um quadro de fundo onde decorre a vida das personagens. Na tradição ocidental, está inscrita uma quase oposição entre o mundo da vida e o espaço natural onde essa vida decorre. Neste romance, porém, há uma simbiose entre a natureza e o homem, que podemos captar, curiosamente, pela ideia de fluxo heraclítico. O jogo de sentimentos entre Shimamura e Komako ou o nascimento do interesse de Shimamura por Yoko inscrevem-se na paisagem e fluem nela como qualquer outro elemento natural. Nascimento, maturação e morte de um amor não diferem do fluxo das estações, do ritmo da vida, do pulsar do cosmos.

Mesmo a morte de Yoko na cena final, uma morte que de alguma maneira faz lembrar a tragédia grega, ajuda a inscrever o conjunto da vida humana no cosmos: *Mas quando [Shimamura] quis avançar para a voz quase delirante [de Komako], os homens que se tinham precipitado para lhe tirarem dos braços Yoko inerte, os homens que se apertavam à volta dela, repeliram-no tão violentamente que perdeu o equilíbrio e cambaleou. Deu um passo para se recompor e, no instante em que se inclinava para trás, a Via Láctea, numa espécie de extraordinário frémito, fundiu-se nele.*

A dificuldade que o leitor ocidental pode encontrar reside toda aqui. Deverá entrar no território romanesco, mas não lhe cabe identificar-se com o protagonista da acção – pois a acção nem sequer é uma categoria essencial a esta narrativa – mas pura e simplesmente contemplar a natureza das coisas no seu fluir eterno e efémero. A fusão da eternidade e da efemeridade de uma vida que flui faz toda a beleza da narrativa.

Yasunari Kawabata (2003). *Terra de Neve*. Lisboa: Dom Quixote. Tradução de Armando da Silva Carvalho.

Kawabata: a história perfeita, a escrita como disciplina. Discurso sobre a "Romã"



[Literatura principal Pangea](#) 24 De Abril De 2020

Em *Se uma noite de inverno, um viajante* Italo Calvino, na canção *No tapete de folhas iluminadas pela lua*, imita o jargão de um fatídico escritor japonês, Takakumi Ikoka, atrás do qual Yasunari Kawabata está velado. O esboço é engraçado - "As folhas do gingko caíram como uma chuva minúscula dos galhos e pontuaram o gramado de amarelo" - mas enganoso. **Calvino imita uma forma, enquanto Kawabata usa uma disciplina; ou seja, troca um estilo de vida por um estilo literário.**

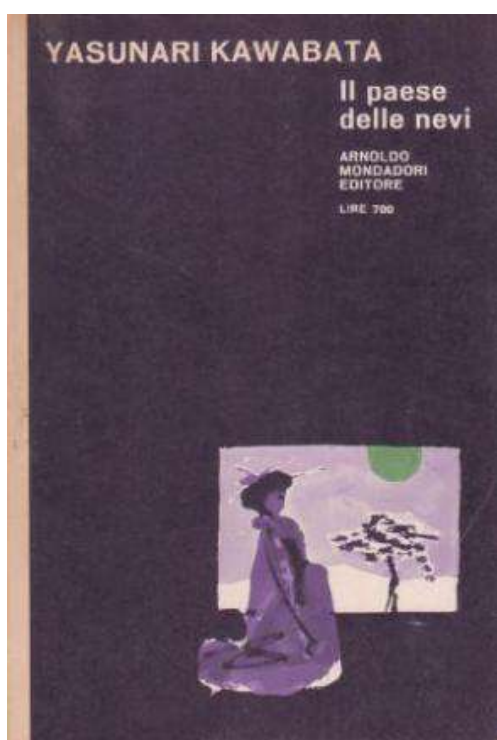
Quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1968, Kawabata escreveu um discurso, *Japan, Beauty and Me*, no qual especificou que escrever é uma "atitude espiritual". Em seu discurso, o escritor menciona dois poetas: Dogen e Ryokan. Ambos os monges. O primeiro, que viveu no século XIII, autor do *Shobogenzo*, é um dos pensadores mais ousados no leito do zen. O outro é uma espécie de 'louco de Deus' japonês: "vivia em covis selvagens, usava farrapos, vagava pelo campo, brincava com crianças, conversava com camponeses, não buscava a profundidade da fé em doutos discursos, mas guardava ao preceito imaculado *wagugen aigo* (sorriso no rosto, palavra de amor)". **Kawabata lembra que o monge "vivia de acordo com o espírito de seus poemas": um é responsável por uma escrita a ponto de torná-la o selo de uma escolha.**

Sobre *estilo*. Em 1925 o jovem Kawabata - tinha 26 anos - explicava a sua ideia de *sensibilidade* narrativa nestes termos: "Se até agora sempre se escreveu 'os meus olhos viram rosas vermelhas', porque os olhos e as rosas eram elementos distintos, os novos escritores misturam olhos e rosas escrevendo 'meus olhos são rosas vermelhas'". Para além do tom de proclamação, o tema é fácil: a escrita deve ser 'sensível', deve ultrapassar a superfície 'real' das coisas. Tem que sobrecarregar a gramática para construir formas que possam ser tocadas. Na verdade, os romances de Kawabata - os mais famosos, digamos, *The Snow Country*- são como falcões de



papel, silogismos de neve. Não é preciso muito para destruí-los porque uma árvore, como na grande caligrafia medieval ou nas pinturas das telas, representa a sombra, o segundo nascimento.

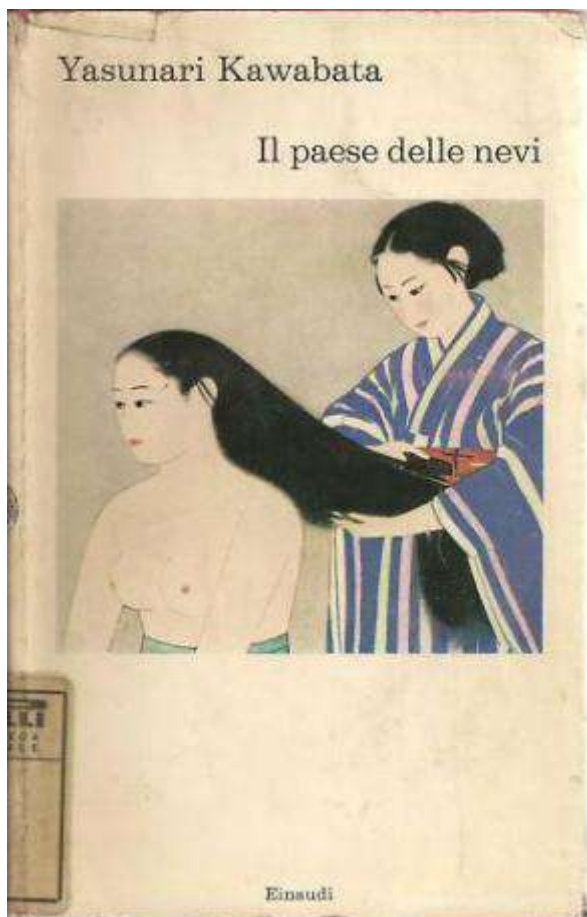
No ano seguinte ao manifesto, em 1926, Kawabata publica uma das famosas histórias, [La Danzatrice Izu](#) - publicada recentemente pela Adelphi -, mas acima de tudo a primeira coletânea de [Contos na palma da mão](#) (editada por Marsilio em 2002, louvado seja a deles), "Sugestões e artifícios". **A tenohira é um conto curtíssimo, de duas ou três páginas, que está, de fato, "na palma da sua mão". É um gênero estilístico do verbo, ao invés de estilistas: é o análogo do haicai na poesia japonesa. No curto prazo - em um estalar de dedos - um destino deve ser dito.** Se na literatura ocidental acredita-se que uma história faz sucesso se 'cheira a vida' - Chekhov, Hemingway - ou se é um jogo cristalino e esférico - Borges -, um enigma em verbos - Hawthorne, Poe, Kafka - Kawabata investiga o não dito da vida desfaz o jugo de restrições e possibilidades, o remoto. Kawabata não conta sobre a mordida, mas o que ela toca, o aperto no estômago.



Uma história exemplar, neste caso, é *La pomegrana*. O incipit é adequado ao estilo literário de Kawabata, imitado por Calvino: "Uma noite com vento norte, e as folhas da romã caíram todas. Eles se instalaram ao pé da árvore, deixando um anel de terra livre em volta das raízes". No entanto, isso não é um estilo, um enfeite, uma opção retórica: é um símbolo. A romã está "nua", as folhas caídas desenham um "círculo perfeito", a romã está no topo da árvore, "uma fruta deslumbrante". Uma história se desenrola em torno daquela romã feita de silêncios, pensamentos, destinos unidos pelo isolamento, pelo desejo branco. **Kimiko mora com sua mãe, seu pai está morto. O fato de sua mãe "ter esquecido" da romã "fez Kimiko sentir toda a desolação de sua existência. Viviam sem perceber as romãs que amadureciam perto de sua varanda".** A romã não é um 'dispositivo narrativo': é um templo. Uma tira do sagrado.

Quando Kimiko separa a romã da árvore percebemos o caráter místico da fruta: "estava perfeitamente madura, partida como se pela pressão interna de uma energia transbordante ... os grãos brilhavam ao sol, e a luz do sol passava por eles com transparência". A romã parece um atributo de Deus, uma fatia geométrica de luz. Kimiko entrega a romã para Keikichi, seu namorado, que veio cumprimentá-la. O menino "olhou para ela com aqueles olhos que pareciam querer correr em sua direção", mas quando agarra a romã, ela cai de suas mãos, talvez por excesso de energia - ou responsabilidade. Como você segura o filho de um deus em suas mãos? Como essa entrega pode ser aceita? A história parece uma espécie de mito de Orfeu e Eurídice e não sabemos se os dois voltarão a se ver. Sabemos que diferentes existências convergem em torno dessa romã: o desejo de uma união erótica - "os grãos pareciam ter sido mordidos por Keikichi" -, a nostalgia, dentada - "Kimiko lembrava que sua mãe costumava comer o que restava do pai. Um carço agarrou sua garganta. **"Ele sentiu que trocou uma despedida significativa com Keikichi, embora não tivesse percebido; ele sentiu que o esperaria para sempre".** Que *para sempre* é sancionado pela romã, que parece distinta do prodígio, do eterno.

*

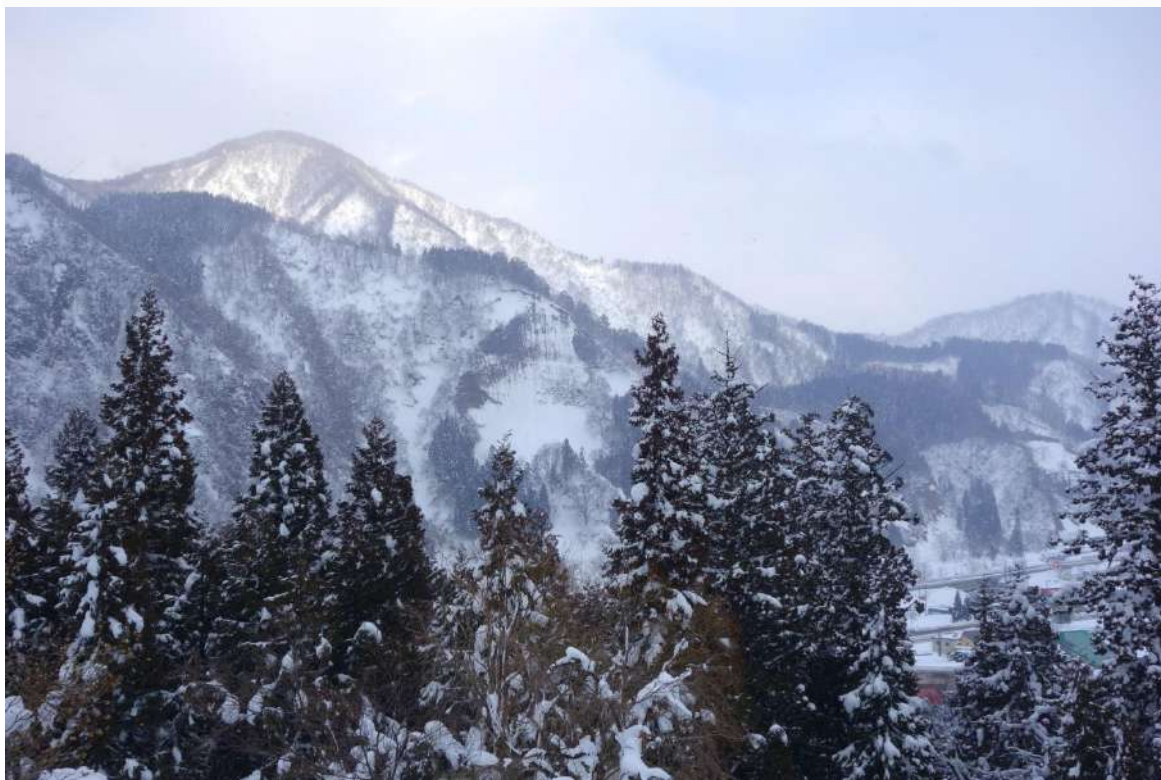


Em todas as civilizações, a romã, a fruta eriçada de sementes que parecem vidro, é um símbolo de fertilidade. “Teu templo é como uma fatia de romã”, canta o *Cântico dos Cânticos* (4, 3). **A romã é antes de tudo um sinal litúrgico: «Farás romãs púrpura, púrpura e escarlata na orla», prescreve o Êxodo (28, 33), a respeito das «vestes sagradas, para glória e decoro» dos sacerdotes.** Quando Kimiko morde a romã “o afiado... congelou os dentes. E foi como se uma triste felicidade os corrigisse com um arrepio nas vísceras”. A história toda é uma premonição, uma epifania. “Agora Kimiko estava com medo de morder a romã que segurava no colo.” Comer a fruta significa consumir o passado ou dissipar a promessa do futuro? É preciso estar atento a um sinal, interpretando-o como presunção.

Em um texto de 1933, *The Eyes in the Last Moments*, Kawabata se refere à literatura ocidental para dizer sua disciplina. **“A vida de Dante, autor da *Divina Comédia*, foi trágica. Diz-se que Walt Whitman contou a seus convidados um retrato do poeta: 'É o**

rosto de um homem que se livrou das impurezas do mundo. Para adquirir essa cara ele conquistou muito e perdeu tudo”. Gosto de acreditar que o episódio é uma invenção de Kawabata, que se esconde atrás do poeta que viu outros mundos, Dante, e daquele que cantou neste mundo, Whitman. Escrever é perder tudo: a si mesmo junto com as “impurezas do mundo”. Quanto ao grau de pureza a que se entregou, outros julgarão, os leitores. Na romã do vizinho balançam três frutas murchas - parecem pequenos sinos de bronze. Parece blasfêmia para mim. (db)

Yasunari Kawabata's surrealist window on the world



Setting the scene: The view from the Kasumi Room in the Takahan Ryokan, Yuzawa, Niigata Prefecture, where Yasunari Kawabata wrote "Snow Country."

BY DAMIAN FLANAGAN

SPECIAL TO THE JAPAN TIMES

Dec 2, 2017

Abrindo com uma das linhas mais famosas da literatura japonesa - "Emergindo do longo túnel da fronteira, eles entraram no país da neve", mudando-nos rapidamente da escuridão do túnel para a luz brilhante da neve - o romance de Yasunari Kawabata "País da neve" Conta a história de Shimamura, um esteta mundano que mora na cidade, que viaja para um retiro onsen (fontes termais) no inverno e retoma seu caso casual com Komako, uma bela jovem " gueixa da montanha ", uma caçadora rústica para o desejo masculino.

O que a maioria das pessoas presume que o romance se trata é a evocação de um mundo quintessencialmente japonês, cortado por aquele longo túnel do mundo das cidades em rápida modernização e ocidentalização, um retrocesso a tempos mais antigos, mais lentos e sensibilidades tipicamente japonesas.

O que eles talvez não percebam sobre "País da neve" - e o que é fundamental para apreciar o romance - é que foi na verdade a tentativa radical de Kawabata de aplicar as técnicas da pintura ocidental pós-cubista modernista a uma tela literária japonesa.

Hoje tendemos a pensar em Kawabata, magro e rijo e muitas vezes representado em trajes japoneses, como uma figura tradicional, uma imagem promovida pelo próprio Kawabata após a Segunda Guerra Mundial, quando declarou que doravante seu interesse estava nas "montanhas e rios de o passado."

É fácil esquecer que Kawabata, quando criança, aspirava ser pintor e fora na juventude uma figura radical - ele foi profundamente afetado pelas ondas da arte

cubista, surrealista, futurista, expressionista e dadaísta que se espalharam pelo Japão do Ocidente nas décadas de 1910 e 20. E ele tentou refletir essas novas formas de ver o mundo em sua própria literatura vanguardista e experimental, formando, junto com o autor Riichi Yokomitsu e outros, a revista Bungei Jidai (A Era Artística) em 1924 para promover sua Nova Sensação resolutamente modernista Escola (Shinkankakuha).

O capítulo de abertura de "Snow Country" é o tour de force de Kawabata. No compartimento do trem, em uma noite escura, Shimamura observa com o canto do olho uma jovem e o homem que ela está cuidando, que estão sentados na diagonal oposta, mas ele se abstém de olhar para eles diretamente.

Ele corre o dedo pela janela embaciada e fica chocado quando um olho sem corpo aparece no vidro - o reflexo parcial da garota em frente. Ele limpa mais condensação e mais partes do corpo aparecem - a orelha e a nuca do homem. Então, quando há luzes do lado de fora, o vidro se torna meio reflexivo e meio translúcido, e o rosto da garota é repentinamente transposto para o vidro contra o cenário.

“Particularmente quando as luzes da montanha queimavam bem no meio do rosto da garota, era tão inexprimivelmente belo que o coração de Shimamura parou de bater.”

A janela do trem se transforma em um “espelho de arte” e refrata o mundo através de um prisma artístico apresentando-o de maneiras novas e inesperadas.

Na geração anterior - como explicado na parte anterior desta série - Natsume Soseki plantou no centro de seus romances “espelhos de arte” (muitas vezes na forma de lagos refletindo magicamente o mundo). Por meio desses “espelhos” ele importou para seus romances os temas e motivos das pinturas pré-rafaelitas.

Mas o que o protagonista de Kawabata vê em seu "espelho" é uma visão profundamente cubista e surrealista - um olho perturbador, uma orelha estranha, um rosto transposto contra um fundo inesperado. Kawabata estava visando em sua técnica não para aumentadores ricos da narrativa como Soseki, mas sim para uma sensação de alienação e uma conexão com sonhos e medos primitivos.

O primeiro capítulo nos mostra que a janela do trem não é um dispositivo para observar o “país da neve”, mas sim um espelho capaz de transformar o próprio mundo em algo novo, ilógico e fragmentado, mas que oferece acesso a uma realidade existencial mais profunda. Esta exposição sobre as formas modernistas de ver se torna o modelo de como o resto do romance, que se esforça não para pintar uma tela totalmente naturalista, mas fornece apenas vislumbres parciais, intercalados no tempo, de um todo maior de uma maneira que era livre e aberta - rendido.

Um dos principais problemas com que Soseki lutou - invocando o famoso ensaio "Laocoonte" de Gotthold Ephraim Lessing de 1767 - era que, enquanto a literatura retrata um continuum de tempo, a pintura em contraste captura apenas um único momento. Ainda assim, nos 30 anos desde que Soseki escreveu obras como “Kusamakura” (“Travesseiro de Relva”) em 1906, uma nova forma de arte revolucionária surgiu: o cinema, que era capaz de representar tanto enredos literários quanto um continuum de imagens visuais inspiradas em pinturas.

Kawabata, junto com muitos outros autores famosos da época, como Junichiro Tanizaki e Edogawa Ranpo, ficou fascinado com as novas possibilidades do cinema e tentou reproduzir seus efeitos em sua literatura. Não é por acaso que a cena final culminante de “Snow Country” ocorre em um galpão transformado em cinema.

Kawabata publicou "Snow Country" como sete peças curtas em várias revistas entre 1935 e 1937, mas voltou a ele durante a década de 1940 quando Kawabata, junto com muitos outros autores famosos da época, como Junichiro Tanizaki e Edogawa Ranpo, ficou fascinado com as novas possibilidades do cinema e tentou reproduzir seus efeitos em sua literatura.

Não é por acaso que a cena final culminante de "Snow Country" ocorre em um galpão transformado em cinema. Escritores como Futabatei Shimei, Masaoka Shiki, Soseki e Kawabata haviam lutado com os conceitos intelectuais da arte visual - mas o que nenhum escritor fez até agora foi se envolver com ela de uma forma que fosse pessoal, intensamente emocional e visceral.

Seria necessário - como explicarei neste espaço no mês que vem - um talento extraordinário, na verdade um protegido de Kawabata, para ousar ver nas pinturas um meio com o qual mergulhar em seus próprios desejos intensamente reprimidos e se colocar no centro de tal fantasia visual.

Analyzing Yasunari Kawabata's *Snow Country*: Japan's First Nobel Prize in Literature Winner

By Yoko Munakata



Over fifty years ago in 1968, novelist Yasunari Kawabata became the first Japanese writer to earn the Nobel Prize in Literature. Tsurumi University professor Rintaro Katayama recounts Kawabata's seventy-two years of life as well as his masterpieces *Thousand Cranes* and *Snow Country*, which are well known and treasured outside Japan.

Yasunari Kawabata ganhando o Prémio Nobel de Literatura vinte e três anos após o fim da Segunda Guerra Mundial foi um sinal de que o mundo estava prestando atenção à literatura japonesa e causou grande agitação no país. O Comitê do Nobel de Literatura, comentando o processo de seleção, elogiou o trabalho de Kawabata por seu domínio narrativo, que expressa a essência da mente japonesa com grande sensibilidade.

Essa sensibilidade se deve em grande parte aos primeiros anos do autor. Sua infância e educação foram infelizes. Nascido em 1899, perdeu pai, mãe e irmã mais velha aos dez anos, e depois perdeu os avós que o haviam acolhido aos quinze, tornando-se órfão. Criado por estranhos, ele estava sempre avaliando como as pessoas ao seu redor se sentiam e passou a juventude acreditando que não era normal.

De acordo com Katayama, "os trabalhos de Kawabata revelam uma forte influência das várias ondas emocionais causadas por uma educação solitária, mais do que a própria educação".

Snow Country foca em Shimamura, um "escritor preguiçoso e de terceira classe que escreve sobre balé que ele nem viu", uma gueixa chamada Komako, que trabalha em uma cidade de fontes termais, e outra garota chamada Yoko. Kawabata passou de 1946 a 1947 revisando a história que fora publicada em parcelas em uma revista de 1935 a 1941; o romance completo foi publicado em 1948. As famosas linhas de abertura do romance são: "O trem saiu do longo túnel para a região da neve. A terra estava branca sob o céu noturno. "

Katayama afirma que Snow Country possui três características notáveis. Em primeiro lugar, embora seja escrito na terceira pessoa, a visão de mundo fantástica do romance é exatamente o oposto do objetivo. "Pode-se dizer que vemos todos os delírios de Shimamura, que foi uma maneira sem precedentes de escrever um romance. Na cena de abertura, poderíamos substituir a palavra 'I' por 'Shimamura' e ainda seria lido naturalmente."

O segundo traço é a beleza sutil do estilo de escrita. Segundo o professor, o belo retrato de cada cena é como observar uma pintura. Ao observar um mundo que muito não é a realidade, representado como se fosse, o leitor é atraído para uma linda fantasia.

O terceiro traço é seu erotismo, embora não haja representações diretas de sexo em Snow Country. Isso poderia ser deliberado da parte de Kawabata, ou ele pode ter evitado o uso de linguagem expressamente proibida pelos censores do pós-guerra. Em vez disso, ele transmite a ação ao leitor com frases indiretas, como "Agora, havia algo entre os dois". Ao fazer isso, a imaginação do leitor é estimulada e os personagens principais - especialmente Komako - parecem mais bonitos, livres e ousados.

Na virada do século XX, os romances europeus começaram a retratar o funcionamento interno da mente do escritor. Kawabata escreveu sobre a mente interior de uma forma que não apenas imitou o Ocidente, mas também expressou a beleza tradicional e clássica do Japão. Os ocidentais responderam a isso e sentiram admiração pelo Oriente, razão pela qual as obras de Kawabata foram elogiadas como uma "ponte entre o Oriente e o Ocidente".

Infelizmente, quatro anos depois de receber seu Prêmio Nobel, Kawabata suicidou-se em 1972 em sua oficina. Mas suas obras vivem e foram traduzidas para o inglês, alemão, francês, chinês e coreano, entre muitas outras línguas, e ainda são lidas e apreciadas por muitas pessoas fora do Japão. Se você ainda não leu um romance de Yasunari Kawabata, pegue um exemplar de Snow Country e experimente seu mundo maravilhosamente onírico.



[Book Reviews](#) [Japanese authors](#)

Snow Country by Yasunari Kawabata [review]

[December 18, 2016](#) [BookerTalk](#) [21 Comments](#) [Japanese literature](#), [Nobel literature prize](#), [Yasunari Kawabata](#)

Enigmático, frustrante, lírico é a melhor descrição de Snow Country, romance considerado um clássico da literatura japonesa e que influenciou na entrega do Prêmio Nobel de Literatura ao autor Yasunari Kawabata.

Snow Country é um conto curto e sombrio de um caso de amor entre Shimamura, um intelectual rico de Tóquio e Komako, uma jovem gueixa. Eles se encontram em uma remota cidade de águas termais, que os homens visitam individualmente ou em grupos e pagam pela companhia feminina. Shimamura, que se considera um especialista em balé ocidental, embora nunca tenha visto uma apresentação, deixa sua esposa e filhos para trás na cidade para viajar para a cidade nas montanhas no auge do inverno. Ele está procurando um reencontro com Komako, a quem conheceu no ano anterior, mas quando você os vê juntos, sabe no fundo que se trata de um caso de amor que não pode resultar em felicidade.

Shimamura é um personagem estranhamente imparcial. Não parece preocupá-lo que tenha deixado a família para trás enquanto tirava férias e estabelecia um relacionamento com alguém muito mais jovem do que ele. Embora ele esteja claramente apaixonado pela garota, ele também está bastante distante dela. Ele a observa constantemente, notando sua mudança de cor sempre que ela se aproxima dele bêbada porque é obrigada a beber em festas e observando o que ela veste, como se senta, etc. Ele age mais como um observador distante do que como um amante ardente. O que ele realmente sente por Komako? Raramente entramos em sua cabeça para descobrir a verdade. O mais perto que chegamos é em uma passagem para o final do romance:

Ele ficou tanto tempo que alguém poderia se perguntar se ele havia esquecido sua esposa e filhos. Ele não ficou porque não podia deixar Komako nem porque não queria. Ele simplesmente adquiriu o hábito de esperar por essas visitas frequentes. E quanto mais contínuo o ataque se tornava, mais ele começava a se perguntar o que estava faltando nele, o que o impedia de viver tão completamente ... Toda Komako veio até ele, mas parecia que nada saía dele para ela. Ele ouviu em seu peito, como neve se acumulando, o som de

Komako, um eco batendo contra as paredes vazias. E ele sabia que não poderia continuar se mimando para sempre.

Se ele é frustrante, ela é ainda mais frustrante.

A bela e inocente Komako é limitada pelas convenções que cercam o papel de uma gueixa, mas com uma natureza apaixonada que se recusa a ser subsumida. Ele surge em um comportamento que muda de direção a cada poucos minutos. Ela não pode ficar longe dele por muito tempo, escalando sua janela, escondendo-se no armário para evitar que os funcionários do hotel fiquem com ele. No entanto, quando está com ele, ela constantemente fala sobre a necessidade de voltar para casa. Ela já teve relacionamentos antes, mas curiosamente não é tocada por eles - um amante que queria se casar com ela morre durante a visita de Shimamura, mas Komako não consegue visitar seu túmulo. Outro homem, muito mais velho, quer se casar com ela, mas ela não tem certeza de como se sente sobre isso. Em suma, ela é o tipo de mulher que deixaria você louco com suas vacilações, mas ainda o deixaria louco de desejo.

Ela parece um par estranho para Shimamura. Quando eles passam algum tempo juntos, há pouca conversa de qualquer profundidade, já que ela carece do rigor intelectual que o sustenta. Ela fala muito sobre romances e revistas, mas ele observa que ela “era bastante indiscriminada e tinha pouco conhecimento de literatura. (...). Seus modos eram como se estivessem falando de uma língua estrangeira distante. Nele algo sugere um mendigo que perdeu todo o desejo.” E, no entanto, Komako tem inteligência e determinação feroz, ela aprendeu sozinha a tocar o samisen (um instrumento musical japonês de três cordas) e a memorizar a melodia.

Kawabata é um escritor impressionista, um mestre em transmitir imagens e humor. Ele faz de Shimamura sua janela para o mundo, observando o efeito da neve nas árvores e na encosta da montanha e como o rosto de uma mulher se reflete na janela do trem. Apesar dos detalhes, o mundo descrito parece mais mítico do que real, simbolizado pela viagem de trem que Shimamura faz para chegar à cidade e o túnel pelo qual deve passar para chegar à cidade na montanha. O romance, conseqüentemente, assume uma qualidade de sonho:

Nas profundezas do espelho, a paisagem noturna se movia, o espelho e as figuras refletidas como filmes se sobrepunham. As figuras e o fundo não tinham relação, mas as figuras, transparentes e intangíveis, e o fundo, escuro na escuridão crescente, fundiram-se em uma espécie de mundo simbólico que não é deste mundo.

Um romance estranho, então, não um que facilmente se presta à descrição, mas, no entanto, bastante hipnotizante para ler.

Footnotes

The Book: *Snow Country* by Yasunari Kawabata was published in 1956.

The Author: Kawabata started writing short stories and contributing them to magazines while he was still in university. He began to achieve recognition with a number of short stories shortly after he graduated. It was *Snow Country*, his third novel, that cemented his reputation as the writer of spare, lyrical and subtle prose. Kawabata was awarded the Nobel Prize for Literature in 1968, the first Japanese person to receive the honour. He died in 1972 apparently by his own hand but the reason for this action is unclear since he left no note.

My edition: Published by Penguin as part of their modern classics series. It has just 121 pages. Translation is by Edward G Seidensticker.

Why I read this: I was hoping to read more for the Japanese literature week but never got around to doing more than just buying a few books by authors I had not read previously. This was one of them. I read it now as part of my participation in the Chutes and Ladders ‘challenge’ being run by The Readers Room.